

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**REDES DE ENTREAJUDA E RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE: UM ESTUDO
SOBRE *XITIQUE* FAMILIAR PRATICADO POR FAMÍLIAS RESIDENTES NA
CIDADE DE MAPUTO**

Autor:

Geraldo Armando Matlava

Supervisor:

José Pimentel Teixeira

Maputo, Abril de 2012

**REDES DE ENTREAJUDA E RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE: UM ESTUDO
SOBRE *XITIQUE* FAMILIAR PRATICADO POR FAMÍLIAS RESIDENTES NA
CIDADE DE MAPUTO**

Autor

.....

Geraldo Armando Matlava

Trabalho para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Abril de 2012

Declaração

Declaro que este trabalho de fim do Curso, nunca foi apresentado na sua essência, para obtenção de qualquer grau e que ele é resultado da minha investigação por isso que está indicado no texto e na bibliografia as fontes utilizadas para a elaboração deste trabalho.

Geraldo Armando Matlava

.....

Dedicatória

Este trabalho é dedicado em especial ao meu cunhado Marcelo Alexandre Matavel, a minha irmã Ana Maria Armando Matlava, pelo eterno incentivo, apoio e exemplo de vida.

E a mim próprio pelo espírito de persistência e paciência que consegui manter ao longo deste percurso.

Obrigado DEUS por me dar esta família

Agradecimentos

“Aquele que triunfa não deve jamais esquecer alguém que o tenha ajudado, mantendo em mente que tem o dever de fazer o mesmo nas oportunidades que a vida lhe trará” (Provérbio popular).

Faço alusão a esta frase para dizer o quanto foi importante a família para minha formação e crescimento em todos os sentidos. Aos meus pais Armando Matlava e Maria Rosa Machava, a eles devo agradecimentos muito especiais pela educação, carinho, apoio, confiança e acima de tudo amor. Agradeço de igual modo aos meus irmãos, aos docentes do DAA, em particular ao meu supervisor Dr. José Pimentel Teixeira e Dr. Euclides Gonçalves pelas sugestões e material disponibilizado, aos colegas da turma, amigos e os demais que não foram mencionados aqui.

Khanimambo!

Resumo

O presente estudo aborda as redes de entreatajuda e relações de reciprocidade, partindo de um estudo sobre *xitique* familiar e procura compreender as motivações que levam as famílias a accionar as redes de entreatajuda bem como analisar os relacionamentos existentes no seio do grupo de *xitique* familiar. Para tal foi feita a revisão bibliográfica sobre o assunto em análise e trabalho de campo na província de Maputo nos distritos municipais KaMaxakene, KaMavota e KaMbukuane, num intervalo de quatro meses de Junho à Outubro de 2011.

A revisão bibliográfica possibilitou-nos enquadrar o trabalho em duas principais abordagens. A primeira abordagem advoga que os indivíduos associam-se em redes para responder aos desafios económicos e sociais. Por isso que as redes de entreatajuda inter ou extra-familiar são importante na solução dos problemas pontuais e futuros que isoladamente não seria possível a sua resolução.

A segunda abordagem mostra que os indivíduos associam-se em rede porque são regidos pelo princípio de reciprocidade de dar, receber e retribuir sem que no entanto espere o retorno imediato da coisa dada.

Inspirado nos trabalhos de Godelier (2000), Casal (2005) e Mauss (2008) este estudo argumenta que o *xitique* familiar obedece ao princípio de reciprocidade pois as pessoas quando dão não têm expectativa imediata do retorno da coisa dada. O *xitique* é um meio de poupança e de ajuda mútua entre os associados. Por isso que no seio do grupo de *xitique* familiar existe uma entreatajuda permanente e pontual quer nos momentos de alegria assim como de tristeza.

Mais ainda os dados apontam que o *xitique* familiar cria novas dinâmicas de convívio familiar que inclui a integração de vizinhos mais achegados na família, estabelece relações de compadrio e de xaras. A prática do *xitique* familiar reforça a fraternidade, amizade, cooperação e evita acasalamentos entre os membros da rede.

Palavras-chave: Rede de Entreatajuda, *Xitique* Familiar e Reciprocidade

Índice

Declaração.....	I
Dedicatória.....	II
Agradecimentos.....	III
Resumo.....	IV
1.2 Problemática.....	5
2. Revisão Bibliográfica.....	7
2.1 Conceitos-chaves.....	11
2.1.3 Reciprocidade.....	11
2.1.4 Família.....	12
Capítulo III.....	13
3. Método de recolha de dados.....	13
3.1 Caracterização da área do estudo e perfil dos entrevistados.....	14
3.1.2 Área do estudo.....	14
3.1.3 Perfil dos entrevistados.....	15
Capítulo IV.....	16
4. O <i>xitique</i> familiar como meio de reforço de laços de vizinhança e parentesco.....	16
4.1. O <i>xitique</i> familiar.....	16
4.2. <i>Xitique</i> como reforço dos laços de vizinhança.....	24
4.3. <i>Xitique</i> familiar como reforço de laços de parentesco (padrinhos e xarás).....	25
Capítulo V.....	28
5. Considerações finais.....	28
6. Referência Bibliográficas.....	30

Capítulo I

1. Introdução

1.1 Contexto

Motivado pelas discussões surgidas em torno das redes de solidariedade vigentes no meio urbano caso concreto da cidade de Maputo, realizou-se esta pesquisa para conclusão dos estudos. Para tal, foram feitas a revisão bibliografia sobre o tema em análise, assim como entrevistas semi-estruturadas as famílias que participam no *xitique* familiar.

A situação conjuntural de Moçambique demonstra que o sector informal¹ continua a ser a principal alternativa para a sobrevivência de muitas famílias. Se é verdade que a luta pela independência nacional foi dura e longa, a luta mais difícil e mais prolongada começava com as tarefas que se punha de imediato e com absoluta prioridade no âmbito do combate à miséria, a fome, à nudez e ao analfabetismo. Este trabalho já em si muito difícil, foi agravado no período pós independência com êxodo maciço associada com uma serie sistemática de calamidades naturais que destruíram muitas das infra-estruturas existentes (Araújo 1988:557).

Autores como Cruz e Silva (2005), Trindade (2011) e Nhatsave (2011) defendem que grande parte da população moçambicana, com aumento da vulnerabilidade resultante da crise devido a uma economia centralmente planificada, as reformas das últimas décadas que procuraram corrigir as distorções das condições estruturais económicas e limitações das políticas implementadas na primeira década de independência que geraram situações de pobreza, privação e exclusão, permitiram a criação de um ambiente propício para o ressurgimento de redes de solidariedade como *xitique*, servindo como parte das estratégias de sobrevivência económica e como alternativas para fazer face à exclusão social.

Aliado a esses processos políticos e económicos, está o desenvolvimento descontrolado da cidade de Maputo, com níveis acentuados de pobreza urbana, o crescimento das taxas de desemprego, a redução de oportunidades e o crescimento da exclusão, deixavam à maioria dos cidadãos poucas possibilidades de emprego no sector formal, devido ao próprio sistema

¹ Bowen (2000) refere o sector informal como conjunto de indivíduos que participam numa actividade comercial, sem possuir licença legal para o seu exercício.

produtivo urbano, baseado em serviços, na indústria e um sistema de capital intensivo, ficando como única alternativa o emprego no sector informal (Cruz e Silva 2005:2).

É neste contexto que surge *xitique* como sistema de ajuda mútua. O termo *xitique* deriva do Tsonga uma língua do Sul de Moçambique que significa poupança (Cruz e Silva 2005:6). O *xitique* é uma das formas mais comuns de poupança e crédito informal que a população usa para canalização das suas poupanças e como estratégia de solidariedade e ajuda mútua. Nhatsave nota que:

O *xitique* enquadra-se nas redes de solidariedade e ajuda mútua, na medida em que baseia-se na confiança e nos vínculos recíprocos entre membros de um determinado grupo social, o que mostra de forma clara a dinâmica fundamental da sociedade em responder e enfrentar os problemas do dia-a-dia, usando meios alternativos próprios para gerarem rendimentos que assegura a sua sobrevivência (2011:9).

No período pós-independência, com a situação urbanística e económica, precária a agravar-se e o mercado formal e privado a tornar-se cada vez mais inviável, tanto do ponto de vista económico, como social e financeiro, a informalidade converteu-se na única solução disponível para a maioria da população (Trindade 2011).

Dava *et al*, mostra que as redes tradicionais/informais de protecção social estão baseadas em relações de amizade, parentesco ou apenas de convivência. A zona sul do país mas concretamente na cidade de Maputo é a que apresenta maior número de actividades praticadas comparativamente ao norte. Na cidade de Maputo, o *xitique* e *kurhimela* foram as actividades mais praticadas antes da independência, o que mostra a proeminência das actividades caracterizadas pelo trabalho remunerado e esquemas informais de poupança e crédito, o que pode ser o reflexo do maior nível de monetarização da economia urbana do que as economias rurais (1998:322).

Trindade, na mesma linha de pensamento de Dava *et al*, mostra que existem iniciativas locais e saberes populares para além do *xitique*, que são parte das estratégias de sobrevivência económica e constituem alternativas para fazer face à exclusão social. Nessas iniciativas, destacam-se (*Kurhimela /Xitoco*, *Tsima /Ntimo*): actividades relacionadas com o trabalho agrícola, baseadas na amizade e convivência comunitária, (*Kuvekhelissa e Ovaliha*): troca de mão-de-obra pela acumulação de gado, (*Matsoni/Xivunga*): práticas tradicionais que se baseiam na troca de mão-de-obra por mão-de-obra, entre outras (2011:5).

Os estudos sobre redes sociais, procuram explicar os relacionamentos nos diferentes agrupamentos sociais que se estabelecem entre indivíduos. Schlithler (2004) defende que a evolução no processo de análise dos problemas sociais e a forma de enfrenta-los está levando agentes sociais a constituírem redes em número cada vez mais maior. As redes de solidariedade, grupos de poupança, grupos de entreaajuda ou outras formas de solidariedade, são meios de auto-organização e constituem a base da resolução de problemas pontuais como a crise, falta de habitação, emprego e negócio (Cruz e Silva 2005).

Nessas redes de solidariedade ou de entreaajuda, podemos encontrar vizinhos, colegas de trabalho, empregados domésticos, famílias, vendedores, professores, enfermeiros, motoristas que se juntam para fazer face aos vários desafios que a vida lhe coloca. As redes de entreaajuda são de capital vital para a reprodução dos grupos domésticos e a sua importância é verificada em todas as etapas da vida ou seja no nascimento, trabalho, escola e até na morte (Loforte 2000).

A história do conceito de rede nas ciências sociais remonta desde os escritos de Saint-Simon no século XIX tendo ganho maior projecção em meados do século XX com os estudos feitos por Radcliffe-Brown (1952), Barnes (1987) e Mayer (1987) (Radomsky e Schneider 2007:250). Mitchell (1969), mostra que uma rede social é um jogo que pode envolver pessoas, organizações ou outras entidades conectado por um jogo de relações, como amizade, filiação ou troca de informação. Mitchell (1969) adverte que ao abordarmos as redes sociais não implica somente preocuparmos pelos atributos individuais envolvidos na rede, mas as características dos laços para com outro, bem como para explicar significados e comportamentos dos indivíduos envolvidos nessa rede.

Contudo, Maia (2002) em concordância com Mitchell (1969) frisa que o importa no estudo de redes sociais não é a caracterização dos indivíduos pelos seus atributos, mas a forma como cada um se relaciona com os outros ou seja a forma como os relacionamentos estabelecidos permitem perceber e explicar o posicionamento social de cada um. A detecção desses relacionamentos pode ser mais ou menos alargadas em número de pessoas e variar na intensidade que cada uma estabelece com as demais. Permitem também perceber o posicionamento tendencialmente próximo ou distanciado dos indivíduos, se os relacionamentos que se fomentam fazem-se ou não intensamente para além dos vínculos directos decorrente dos laços familiares.

O presente estudo procurou captar as motivações das familiares em accionar as redes de entreajuda bem como perceber os relacionamentos existentes no seio do grupo do *xitique* familiar.

Entretanto outros estudos sobre *xitique*, apontam para esta prática, como um meio de poupança e estímulo colectivo que força os associados a reservar determinada quantia para a aquisição futura de bens entre as partes envolvidas (Trindade 2011).

Cruz e Silva (2005) mostra que o *xitique* inicia normalmente a partir de um grupo de amigos que juntam-se, fixam o montante da contribuição de cada membro, os encontros obedecem uma certa periodicidade para prestação de contas e distribuição rotativa da poupança por cada um dos membros integrantes. O *xitique* enquadra-se nas redes de entreajuda pois, tanto na rede assim como no *xitique*, para sua organização exige-se confiança e empatia entre os membros.

Cruz e Silva (2005) evidencia o carácter social do *xitique* pois, a distribuição da poupança entre os membros do grupo apesar de ser feita periodicamente e rotativamente, pode ser desviada em casos pontuais como doenças, casamento e morte. Portanto, para que isso aconteça é preciso que os membros estejam ligados por uma relação de amizade de modo que ocorra uma ajuda mútua e contínua. A prática do *xitique* tem múltiplas finalidades dentre elas destacam-se a poupança para aquisição de bens, realização de casamentos, lobolos, missas dos antepassados e *tchilling*². Várias abordagens sobre *xitique* limitam-se a olhar para esta iniciativa nesses propósitos. Todavia, apesar da existência de muita literatura sobre o fenómeno *xitique*, pouco e quase inexistente são as abordagens sobre o *xitique* feito segundo o molde familiar. Das poucas abordagens existentes, apontam para o *xitique* familiar como uma iniciativa sem fins lucrativos feito pelos membros de uma mesma família com objectivo de promover visitas regulares, funcionando como convívios dentro das relações familiares (Trindade 2011).

A pertinência desse estudo reside no facto de procurar compreender o lado negligenciado nas várias abordagens sobre este fenómeno (*xitique*), sobretudo a esta aparente novidade de prática do *xitique* familiar que para além de envolver a poupança, a solidariedade, lazer e ajuda mútua

² Expressão inglesa que deriva do termo “*to chill*”, o principal propósito deste *xitique* é a realização de festas ou viagens.

entre os membros, tem em vista efectuar visitas regulares, reforço da fraternidade, reforço dos laços famílias e evitar acasalamento entre os membros.

1.2 Problemática

Várias abordagens sobre redes de relações sociais, remetem-nos para os processos migratórios onde existem várias formas de solidariedade e acolhimento para com os recém-chegados.

Porém, essas abordagens, indicam que as relações sociais primárias como de carácter familiar e de conterrâneidade, são indispensáveis para a obtenção de emprego, assistências as necessidades como: alimentação, abrigo, saúde e posse de documentos. Vasconcelos (2002) demonstra que as solidariedades e as entreadjudas familiares funcionam com base em rede de pessoas (particularmente de parentesco) que trocam entre si bens e serviços. Essas solidariedades familiares têm uma importância relevante não só na economia das famílias como também nas suas vidas quotidianas.

As redes de entreadjuda como *xitique*, são accionadas para resolução de problemas que de forma isolada não seria possível a sua resolução, problemas esses relacionados com elevadas despesas ou aqueles que com o salário não se consegue suprimir todas as necessidades ou despesas (Trindade 2011). Loforte (2000) frisa que, na situação de crise em que se vive actualmente, as unidades domésticas procuram várias alternativas, que passam pelo desejo de estender ou reactivar as suas relações sociais para além do *munti*³ estendendo-se para aliados como vizinhos, colegas do trabalho e/ou grupo religioso. Ela olha para o sentido de ajuda prestada tanto pelas famílias, vizinhos, amigos como uma fraternidade incondicional e que se cristaliza no facto de ser também auxiliado no momento em se precisa de ajuda.

A pertinência do nosso estudo reside no facto deste procurar compreender o lado negligenciado por estes estudos pois este trabalho, procura compreender os relacionamentos existentes entre os indivíduos já inseridos no meio urbano. Desse modo, a questão a procurar responder seria: como as relações de reciprocidade, proximidade, amizade e parentesco manifestam-se no seio do grupo de *xitique* familiar?

³ Segundo Abudo (2010) o termo *munti* designa uma família composta pelo marido, mulher, filhos e todos e todos que vivem numa mesma casa podendo estar ligados por um agregado central.

Os dados do campo apontam que os indivíduos criam redes de entreatajuda, não só para fazer face aos desafios económicos mas sim, para evitar o isolamento. É por isso que no seio do grupo de *xitique* familiar encontramos uma entreatajuda permanente e pontual quer nos momentos de alegria assim como de tristeza. O *xitique* familiar, tem duas dimensões. A primeira diz respeito ao mecanismo de ajuda mútua através da contribuição da poupança. A segunda dimensão aponta que o *xitique* familiar é um meio de promoção de visitas regulares, reforça a fraternidade e amizade entre os membros da rede. O principal propósito do *xitique* familiar é a segunda dimensão, facto que é negligenciado por várias abordagens sobre *xitique*.

A presente pesquisa está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo trata da introdução no qual contem a contextualização e a problemática. No segundo capítulo trata da revisão da literatura e definição dos conceitos chaves do trabalho. Trata-se de conceitos de redes sociais, reciprocidade e família

No terceiro capítulo apresenta-se os métodos usados na recolha de dados. Cabe também nesta parte descrever a área do estudo e perfil dos entrevistados. No quarto capítulo apresenta-se os resultados do trabalho. Este capítulo encontra-se dividido em três partes. A primeira faz-se a descrição do *xitique* familiar e os papéis dos membros integrantes do *xitique*. A segunda destaca o *xitique* como reforço dos laços de vizinhança. A terceira destaca o *xitique* como reforço dos laços de parentesco, com maior ênfase para padrinhos e xarás. O quinto capítulo trata-se das nossas considerações finais.

Capítulo II

2. Revisão Bibliográfica

A revisão bibliográfica indica-nos duas abordagens sobre as redes de entreatajuda e relações de reciprocidade. A primeira advoga que os indivíduos associam-se em rede para responder aos desafios económicos. Nesta abordagem encontramos autores como Loforte (2000) Cruz e Silva (2005) e Costa (2007) que referem que os indivíduos, grupos familiares ou agregados familiares não vivem isoladamente, elas precisam ligar-se aos outros como vizinhos, parentes, crenes para fazer face a situação de crise. Contudo, estudos feitos por estes autores mostram ainda que os laços de parentesco, de conterrâneidade e de vizinhança, desempenham um papel fundamental para a superação dos desafios económicos que o meio urbano coloca sobretudo aos recém-chegados.

A segunda abordagem sustenta que o elemento das sociedades em todos os tempos históricos é o intercâmbio e a dádiva. Além da esfera económica evidentemente envolvida na produção e circulação dos bens trocados, aí comparecem instituições religiosas, jurídicas e morais. Assim, atribui-se à obrigatoriedade moral instaurada pela dádiva um papel instituidor da sociedade e mesmo um factor de humanização. Portanto, a dádiva e a reciprocidade são momentos que se seguem num mesmo acto pois, na troca há sempre três momentos que se revertem no princípio da acção recíproca – dar, receber e retribuir.

Na primeira abordagem, encontramos autores como Loforte (2000) Cruz e Silva (2005) que afirmam que as redes de entreatajudas vigentes no mercado particularmente no caso dos grupos de *xitique*, os actores sociais juntam-se para fazer face à problemas concretos como: compra de fardamentos escolares, livros para os seus filhos, aquisição de mercadorias para melhoramento das suas bancas, ou para poupança. Na perspectiva da Cruz e Silva (2005), a confiança e a empatia levam a criação de grupos de *xitique*, sendo esta a forma comum para a realização da poupança nos mercados informais.

Cruz e Silva (2005) dá a entender que grande parte da população moçambicana, em especial as mulheres, recorre aos chamados sistemas informais de poupança (*xitique*) e de ajuda mútua. Esta situação acontece por diversas razões, entre as quais, a incapacidade do Estado para

disponibilizar serviços sociais básicos, por não haver confiança nas instituições bancárias, ao mesmo tempo que estas não existem em todo o país.

No que diz respeito a resolução dos problemas económicos, Loforte defende que:

O aspecto mais significativo diz respeito às estratégias económicas, sociais e de poder utilizando as redes de parentesco, vizinhança e associações, com vista a otimizar hipótese alternativa de sobrevivência e de reprodução destas unidades sociais. (...) Nestas estratégias encorajaram por um lado, a nuclearização de certas famílias mas também determinar a estruturação de outras em torno dos parentes constituindo famílias alargadas (2000:68),

Costa, confirma a importância de famílias alargadas para a sobrevivência e reprodução social entre famílias de Maputo. Para ela, a queda da autonomia de *muntis*⁴ pelas dinâmicas do parentesco que integra esta unidade económica em outras sucessivamente maiores. Por isso, havia grandes famílias extensas patrilineares formadas em torno de indivíduos com a mesma descendência unilinear a chamada linhagem ou segregação da linhagem. Estas linhagens, distribuíam-se em espaço relativamente grande em habitat disperso com inclusão de vizinhos, amigos e entre vizinhos/parentes existe relações que fomentam a entreatajuda, a participação em cerimónias, rituais e constante circulação de pessoas e bens (2007:69).

Vasconcelos (2002) constatou que nas relações sociais que os indivíduos estabelecem, existe um reservatório de parentesco que torna-se necessário e indispensável nas suas convivências familiares. Portanto, as redes não são casuais elas indicam uma pluralidade de direcções e entrelaçadas nas relações de troca que não se resume somente em trocas directas ou lineares.

Nas considerações de Vasconcelos (2002) e Costa (2007), percebe-se que as redes de entreatajuda assumem um carácter mais abrangente e abrem espaços para o estreitamento de laços de cooperação quer entre parentes, vizinhos, vizinhos e parentes ou entre amigos.

Bourdieu (1997) citado por Vasconcelos (2002), olha para as redes de entreatajuda familiares, feitas entre gerações, como trocas simbólicas que constitui um capital fundamental para a reprodução social da família. Silva *et al* (2010), também compreende a família como uma rede

⁴⁴ O termo *munti* para Costa (2007) traduz-se por lar, casa ou família

de apoio e sistemas mais amplos que prestam entre si apoio de vária ordem, apoio no caso de doenças, nos afazeres domésticos, e na ajuda financeira.

Apesar da Loforte (2000), Vasconcelos (2002) e Cruz e Silva (2010) enfatizarem a importância da família na reprodução social, estes autores distanciam-se das abordagens segundo as quais as redes de entajuda estão centradas somente no parentesco. Assim, as redes de entajuda e de solidariedades familiares vão além dos laços estabelecidos por via consanguínea, estendendo-se em diversos contextos sociais, como relações de vizinhança, do grupo religioso, da empresa, e do mercado, com o fim de assegurar uma melhor partilha de recursos num arranjo múltiplo entre eles. Como afirma Maia (2000) que os diferentes percursos da vida conduzem o estabelecimento e intensificação de relações que derivam de vários factores como a escolaridade, o nível socioeconómico familiar, do tipo de trabalho ou organizações em que cada um pode estar envolvido.

Desta forma, quanto maior for o número e a intensidade dos relacionamentos existentes maior será também a importância de uma rede social, na qual interagem de acordo com determinada hierarquia de funções. Ocorre que na primeira abordagem explicam o surgimento de redes de entajuda a partir de problemas concretos como a crise que faz dos indivíduos partilhar e daí surge novas formas de relacionamento entre famílias, vizinhos e amigos.

A segunda abordagem, advoga que as pessoas são regidas pelo princípio de reciprocidade e nela destacam-se autores como Godelier (2000), Martins (2002) Mauss (2008) entre outros.

Mauss (2008), analisando a instituição de prestação total, *potlach*⁵ na Polinésia constatou que a prestação total, não implicava somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos, ela supõe dois outros momentos igualmente importante, a obrigação de dar, por um lado e a obrigação de os receber por outro. Mauss (2008) salienta ainda que quem recusa a dar, negligencia o convite, como recusar receber equivale a declarar guerra, recusa à aliança e comunhão. Quando se dá um presente a alguém, algo neste gesto obriga aquele que recebe não apenas a aceitar como também a retribuir o dom recebido, mesmo que de modo indirecto.

⁵ A palavra *potlach* significa *dar*, caracterizando o ritual como de oferta de bens e de redistribuição da riqueza.

Contudo, o acto de dar instaura simultaneamente uma dupla relação. A primeira diz respeito a uma relação de solidariedade, visto que quem dá partilha o que tem, mesmo aquilo que ele é com quem dá. A segunda diz respeito a uma relação de superioridade, já que aquele que recebe a dádiva e a aceita fica em dívida para quem o deu (Godelier 2000).

Percebe-se na concepção destes autores que o acto de dar ou de troca não seria somente uma permuta de produtos, ela carrega a potencialidade da sociabilidade humana, sobre a qual fundam-se a solidariedade, a integração social e as obrigações mútuas.

Martins (2005) na mesma linha de Godelier (2000) e Mauss (2008), mostra que apesar das relações económicas constituírem a dimensão mais visível no contexto da economia informal, a realidade é que estas não são as únicas relações sociais, sendo que ao lado das relações económicas, ressaltam outro tipo de relações que decorrem da acção directa e recíproca entre os homens e da constante interacção. Martins (2005), salienta ainda que uma das contribuições centrais de Mauss, foi de demonstrar que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social. Ele chegou a esta compreensão a partir da análise das modalidades de troca nas sociedades arcaicas e da verificação do facto de que essas modalidades não são apenas coisas do passado. Mauss, entendeu que a lógica mercantil moderna não substituiu as antigas formas de constituição dos vínculos e alianças entre os seres humanos e que tais formas continuam presentes nas sociedades modernas (Martins 2005:47).

Fizemos apelo a essas duas abordagens aparentemente distintas, para demonstrar que mesmo na actualidade o princípio de reciprocidade ainda guia várias redes sócias como o grupo de *xitique* familiar por nós observado. As relações de reciprocidade são fundamentais para a manutenção dos laços que fundamentam as redes, quer essas redes sejam complexas envolvendo diversos actores sociais ligados por características diversas tais como a etnia, parentesco, amizade, identidade ou proximidade. Por isso que a explicação dos mecanismos de troca sem apelo a reciprocidade, esta perspectiva revela insatisfação para compreender e explicar os modos de interacção social. Como lembra Martins (2005) que para Mauss tudo é relevante no surgimento de uma obrigação moral colectivo envolvendo um conjunto de membros da sociedade, obrigação que pressupõe aspectos tão diversos como a troca de mercadorias por um lado, ou um mero sorriso por outro.

A parte que segue a revisão bibliográfica, cabe esclarecermos os conceitos chaves deste trabalho. Trata-se de conceitos de redes sociais, reciprocidade e família.

2.1 Conceitos-chaves

2.1.2 Redes Sociais

O conceito de rede é uma ferramenta metodológica que nos permite observar a complexidade e a riqueza dos laços e a dinâmica das interações desenvolvidas no seio do grupo de *xitique* familiar. Para Maia, o termo rede é definido como uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, partilhando valores e objectivos comuns (2002:53). Portanto, a noção de rede dá-nos uma percepção de compartilha de situações de problemas que podem romper ou colocar em risco o equilíbrio da sociedade ou as perspectivas dos membros do *xitique* familiar, cuja resolução não seria suficiente a acção isolada.

As redes neste caso, são constituídas como resultados de estratégias e são recursos dos indivíduos em resposta aos desafios que enfrentam.

As abordagens acerca da construção de redes de solidariedade no contexto moçambicano têm argumentado que estas baseiam-se no privilégio dos laços de proximidade e de confiança. Apoiando-se nestas referências, o nosso argumento é de que, a existência de redes sociais de entajuda e solidariedade, contribuem para o fortalecimento de determinadas relações sociais como amizade, recomposição das famílias e fraternidade. São estes elementos que evidenciam a riqueza e a força do tecido social de uma sociedade.

2.1.3 Reciprocidade

Todavia, o paradigma da reciprocidade aplica-se a todas acções ou prestações efectuadas sem expectativa imediata ou sem certeza de retorno, com vista a criar, manter ou reproduzir a sociabilidade, comportando-se como uma dimensão de gratuidade (Casal 2005). A noção de reciprocidade segundo Iturra, é entendida como uma forma de conduta desenvolvida entre pessoas que estabelecem laços materiais umas com as outras na base de laços sociais pré-existente (1988:182). Portanto, a noção de reciprocidade possibilita a reprodução contínua dos sistema de cooperação material entre os membros na base de laços sociais, laços esses que podem provir da família, vizinhança, amigos, membros da igreja ou do partido.

A lógica da reciprocidade foi verificada por vários autores como Godelier (2000), Casal (2005) e Mauss (2008), tendo mostrado que, em todas as sociedades humanas estão ordenadas pelo princípio de reciprocidade. Ocorre que a reciprocidade pode sedimentar as relações sociais, pois vincula os sujeitos por meio de suas condutas isto é, das obrigações morais e da liberdade do agir recíproco e da carga simbólica que contém o dar e o retribuir.

2.1.4 Família

O termo família, segundo Abudo (2010) não pode ser entendido como ornado de imobilidade conforme ocorre com os demais fenómenos sociais pois a família submete-se a um processo de evolução e transmissão, nela intervindo tanto os factores biológicos como os factores de natureza económica e de natureza social. O conceito de família é bastante polissémico pois são tantos os arranjos familiares que quase impossibilitam uma definição mais precisa. Para a antropologia, a família é definida pela culturalidade ou seja, cada sociedade constrói os seus valores, sentido e representatividade de quem é familiar.

Assim, a família é definida por Schenker *et al*, como uma unidade social constituída por indivíduos que compartilham circunstâncias afectivas, sociais, económicas, culturais e históricas. Ela se forma por vínculo de consanguinidade (mediante um ancestral comum de alianças), casamentos, co-habitação ou de convivência (compadres e agregados) (2011:94).

O termo família apresentado por Schenker *et at* (2011), percebe-se que o familiar, surge por via afectiva, sexual e de outras formas que possam gerar socialmente novos relacionamentos entre os membros, como por exemplo: a familiaridade que pode provir da igreja, trabalho, escola e mercado. Esta situação de familiaridade, encontra-se no seio do grupo de *xitique* familiar, onde o familiar é aquele que compartilha diversas situações da vida ou de afeição recíproca e de responsabilidade mútua. Segundo a lógica de Costa, a família é uma construção circular: existe porque as relações existentes entre os seus membros permitem o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência e reprodução social e porque estas últimas, ao serem accionadas mantêm, desenvolvem e criam relações familiares que constituem o seu fundamento (2007:73-74).

Capítulo III

3. Método de recolha de dados

Os dados deste trabalho foram recolhidos com recursos a entrevistas não estruturadas e observação participante. Foram entrevistados vinte participantes do *xitique* familiar e acompanhadas seis cerimónias de *xitique* familiar.

As entrevistas não estruturadas permitiram-nos captar as motivações das famílias em accionar as redes de entreatura e os relacionamentos existente entre os membros. As entrevistas não estruturadas foram conduzidas em língua Portuguesa e *Xichangana*⁶. Contudo, como forma de criar aproximação com os nossos entrevistados, optamos no primeiro contacto informar aos entrevistados a razão do nosso estudo, daí conquistamos simpatia e abertura. As entrevistas possibilitaram-nos acompanhar seis cerimónias do *xitique* pois a medida que decorriam as entrevistas, os nossos informantes revelavam-nos os dias em que iriam decorrer as cerimónias e os locais da realização das mesmas.

Durante o trabalho de campo, as entrevistas não estruturadas foram intercaladas com a técnica de observação pois, à medida que se observava os actores sociais em interacção durante o decurso das cerimónias de *xitique*, pedíamos outros entrevistados para nos esclarecer alguma inquietação que surgia.

A técnica de observação participante, exigiu de nós o estabelecimento de relacionamento com pessoas que não estávamos familiarizadas e conseguimos estabelecer e manter aproximação que a priori tínhamos poucas afinidades. Com a técnica de observação participante permitiu-nos captarmos alguns aspectos não apreensíveis pela via de entrevistas como: dança, cânticos, orações, tipo de prendas e ajuda prestada pelas mulheres durante as cerimónias do *xitique*. Para compreensão dos aspectos físicos (dança, cânticos, orações, prendas), as famílias entrevistadas indicavam-nos as datas da realização das cerimónias *xitique*.

A escolha dos nossos informantes não seguiu um critério a priori, pois ao identificarmos uma das famílias que participam no *xitique* revelaram-nos outras famílias que também participam em outras cerimónias do *xitique* familiar. Por isso que as indicações dos primeiros informantes, foi

⁶ Adoptou-se ortografia de Gregório Firmino

útil para a identificação de outros informantes pertencentes a outras redes de relações (*xitique* familiar).

Esta técnica de indicação das famílias que participam no *xitique* familiar, não só nos permitiu identificar as demais famílias participantes do *xitique* familiar, como também nos possibilitou captarmos a diversidade do *xitique* familiar, o motivo e o sentido desta prática em diversas famílias. Os dados recolhidos foram registados e enquadrados em tópicos, com vista a permitir a identificação das tendências dos dados, suas limitações e o seu alcance.

3.1 Caracterização da área do estudo e perfil dos entrevistados

3.1.2 Área do estudo

Partes dos nossos entrevistados vivem na cidade de Maputo e arredores, maioritariamente oriundos das províncias do sul de Moçambique. Os membros do *xitique* vivem dispersos uns dos outros e a rotação do *xitique* familiar segue esta dispersão. Seguindo a rotatividade do *xitique* familiar, constatou-se que os membros por nós entrevistados vivem nos três principais distritos municipais da cidade de Maputo, nomeadamente: distrito KaMaxakene, KaMavota e KaMbukuane. No distrito KaMaxakene a rotação seguiu os seguintes bairros, Polana Caniço “A” e “B”, Maxakene “A” e “D” enquanto que no distrito KaMavota e KaMbukuane seguiu os bairros das F.P.L.M, Hulene “B”, Laúlane, Magoanine “B” e Zimpeto.

Os bairros abrangidos pelo estudo têm uma particularidade. Estes bairros estão ao longo das vias que na sua maioria dão acesso as residências onde decorre o *xitique*, o que de certa forma facilitou a localização durante os dias da realização do mesmo. Aos membros que não conheciam a casa onde iria realizar-se as cerimónias do *xitique*, estes *eram* indicados o nome da paragem e seguia-se alguém para os levar até a casa onde estava a decorrer a cerimónia.

No que respeita à habitação, a maior parte das residências são de alvenaria e algumas de madeira e chapas de zinco (mas estas últimas em menor percentagem) com quintais de blocos e cimento, vedação por pratas e de chapas de zinco. É nos quintais onde decorre a cerimónia do *xitique*, é lá onde se faz arrumações de cadeiras, mesas, esteiras para os participantes. As casas possuem água corrente e electricidade.

O distrito KaMaxakene e KaMavota, as residências visitadas apresentavam dificuldades nas vias de acesso com ruas relativamente pequenas, sem acesso a carro.

3.1.3 Perfil dos entrevistados

Reconhecendo que nas pesquisas de ciências sociais, a selecção dos entrevistados, torna-se inevitável, já que o investigador do terreno precisa definir o seu campo de estudo e reduzir no âmbito do seu trabalho (Burgess 2001). Neste sentido seleccionamos famílias que praticam o *xitique* familiar, sendo a maioria dos nossos entrevistados composto por pessoas com idades compreendida entre 20 à 55 anos ou seja jovens e adultos, onde na sua maioria composta por pessoas proveniente das províncias do sul de Moçambique dos quais à maioria são Rongas, Chopes e Bitongas.

No seio do grupo de *xitique* familiar podemos encontrar membros das diversas províncias do país. O exemplo disso é da familiaridade que resulta do casamento, emprego, igreja e mercado, afilhados que também são incluídos como membros da família. Os membros deste grupo de *xitique* são falantes das línguas Portuguesa, *Cicopi*, *Xichangana* e *Xirhonga*. No *xitique* familiar participam pessoas de todas as idades dentre eles, adultos, jovens, adolescentes e crianças. Entre os membros do *xitique* existem casados e solteiros, mas grande parte deles é composto por jovens solteiros sendo na sua maioria filhos, sobrinhos e netos dos principais contribuintes da poupança.

A força do trabalho dos principais contribuintes da poupança é constituída por pessoas que exercem o trabalho formal e informal. Os pequenos negócios como venda de carvão, hortícolas, alface, tomates, óleo, roupa usada vulgo “calamidade” e crédito, estas actividades são praticados por mulheres que ajudam os seus maridos nas despesas de casa. Em relação aos homens podemos encontrar os que trabalham por conta própria como alfaiates, ladrilhadores, electricistas e outros trabalham no sector formal como professores, carpinteiro, pedreiro e enfermeiros.

Capítulo IV

4. O *xitique* familiar como meio de reforço de laços de vizinhança e parentesco

A vida na cidade segundo Oliven (1987) é descrita como causadora da dissolução dos laços familiares devido a ampliação das necessidades que não é compensada pelo poder aquisitivo e pela falta de tempo para visitas regulares. Os subsistemas executivos de uma família necessitam cada vez mais de um maior número de horas de trabalho para garantia das condições de sua própria vida e de sua prole. O tempo para o convívio familiar diminuiu e em muitos casos, não é uma prioridade. Embora as facilidades na tecnologia de comunicação sejam inúmeras, o fato é que as pessoas estão mais distantes entre si. A este respeito, Costa (2007), mostra claramente as destabilizações e conseqüentes transformações ocorridas no seio da estrutura familiar, apontando como causas dessas transformações: a guerra entre a Renamo e Frelimo, as políticas socializantes do meio rural e posteriormente as políticas de ajustamento estrutural que penalizaram as populações urbanas.

Este capítulo encontra-se dividido em duas partes. A primeira analisa as dinâmicas do *xitique* familiar com enfoque para a dimensão dos laços de vizinhança e parentesco. Antes de detalhar essas dinâmicas apresento a seguir as características gerais do *xitique* familiar com realce para os intervenientes e os seus papais em diferentes momentos. A segunda analisa as relações de reciprocidade vigentes no seio do grupo de *xitique* familiar com destaque para as ajudas prestadas pelas mulheres.

4.1. O *xitique* familiar

O *xitique* familiar é o meio de poupança e de ajuda mútua dos grupos quer no momento da crise ou de alegria. As famílias, quando aderem ao *xitique* têm objectivos de fazer poupança para aquisição de produtos para vender, compra de material de construção para melhoria das habitações, para o pagamento da escola, renda de casa ou na aquisição de terreno, loiça, electrodomésticos e mobílias. Sobre este propósito, um dos nossos entrevistados disse-nos o seguinte:

“Com o *xitique* consegui comprar o meu terreno, assim quando receber da segunda vez, vou arrancar com a obra. No nosso *xitique* quando se verifica que falta alguém que não contribuiu e que isso possa prejudicar a pessoa que irá receber o *xitique*, utilizamos o valor do fundo solidário. O dinheiro do fundo é repostado logo que se efectuar o pagamento do dinheiro em falta” (Família Balói)⁷.

A prática do *xitique* é vista como solução de superação de muitos problemas ligados ao fraco poder de compra. A forma do pagamento da poupança *xitique* varia de acordo com as pretensões de cada rede, podendo ser em bens materiais, como roupas, loiças, alimentos, material de construção, dinheiro entre outras formas.

No *xitique* familiar existem regras e convenções para participação, por isso que o cumprimento dessas regras é fundamental para a integração. É da responsabilidade de todos os membros da rede fazer com que a rotação seja cumprida e que o intercâmbio permaneça por mais tempo. Assim, cada membro tem a obrigação de fazer com que a confiança depositada nele seja mantida através do cumprimento da contribuição e do bom comportamento durante as cerimónias.

A não observância dessas regras e convenções, levam excluído de outros. No âmbito familiar, a intensidade do convívio é muito forte pela proximidade e pela intimidade que lhe é peculiar. No seio dos membros de *xitique* existe a união pelos laços sociais e a história familiar que une a todos os membros, desta forma, torna-se, praticamente inevitável, o convívio com pessoas que não são bem-vindas a essa rede.

Cruz e Silva (2005) mostra que o aumento da vulnerabilidade⁸ resultante da degradação económica e social, fez das famílias mais pobres, as que tem a fraca capacidade de compra, adoptar estratégias de sobrevivência do dia-a-dia. Mais ainda, o isolamento e o reduzido número de elementos do grupo familiar são factores que põem em risco a sobrevivência e a reprodução, não só da família, mas dos indivíduos que a compõem. Por conseguinte, Trindade (2011) olha para os grupos de *xitique*, como um grupo com objectivos concretos, que é de compra dos objectos estipulados pelo grupo, que não se pode desviar para outros fins. Para que o objectivo do grupo seja cumprido, encarrega-se outras pessoas do grupo para efectuarem as compras com vista a evitar-se que o propósito comum seja desvirtuado para outras despesas que possam surgir.

⁷ Entrevista do dia 15.08.2011.

⁸ Esta vulnerabilidade vem acontecendo nas últimas quatro décadas reforçada pelo êxodo rural e rápida urbanização.

Trindade, frisa ainda que o *xitique* como ferramenta de poupança, tem duas vertentes: a realização de despesas significativas e o adiamento de outras. Quem contribui com o dinheiro está a adiar certas despesas e quem o recebe está a realizar despesas que, por si só nunca seria capaz de realizar. É necessário que cada membro do grupo assuma um compromisso, que é o de cumprir com todos os pagamentos, pois de outra maneira os restantes membros do grupo sairiam prejudicados (2011:9).

Nas famílias estudadas, antes de fundarem o *xitique* familiar os encontros entre os membros da linhagem, decorriam casualmente nas festas, casamentos, baptismos, aniversários, lobolos e velórios com um número restrito. Perante essa ausência de visitas regulares entre os membros da família, surge a necessidade de organizar um encontro mensal (*xitique* familiar) que possa fazer com que os membros tenham uma interacção constante entre eles.

Constatado o problema e a sua resolução, promove-se o primeiro encontro para abordarem sobre como fazer, com que esta iniciativa dê certo. Portanto, este encontro é divulgado com recurso aos telefones, através de recados, internet, visitas e outros meios de comunicação como forma de permitir que os que não puderam estar presentes possam participar no *xitique*. O primeiro encontro para a organização do *xitique* familiar é realizado em casa da pessoa que tem boas relações com os demais familiares, normalmente tem sido em casa da pessoa mais velha (respeitada por todos) ou em casa da pessoa com poder económico.

Por exemplo, na família Budula⁹ o primeiro encontro para acordar o dinheiro que se devia contribuir para poupança, alimentação e do fundo solidário¹⁰, foi em casa de um dos membros que trabalha nas alfândegas. Eles apontam para esta escolha como forma de transmitir confiança para os contribuintes de que a rotação irá decorrer com normalidade. Contrariamente ao que aconteceu na família Balói¹¹, o primeiro encontro decorreu em casa da irmã mais velha da linhagem pois, ela é vista como conselheira da família. É nela onde canalizam diferentes preocupações como: brigas, gravidezes, programas de eventos como: missas, casamentos, festas e lobolos.

⁹ Família entrevistada no dia 07. 09. 2011.

¹⁰ Este valor, destina-se para realização de despesas fúnebres e doenças.

¹¹ Entrevista do dia 17. 10. 2011.

O primeiro encontro para realização do *xitique* familiar, serve de tomada conjunta de decisões como por exemplo: que valor a contribuir-se, a quem deve-se entregar e como será a rotação do *xitique*, se será semanal ou mensal e a quem beneficiará o dinheiro do fundo solidário e que valor deve-se dar em situações de doenças ou morte.

Importa ainda ressaltar que o valor acordado para contribuição, leva-se em conta a capacidade financeira de todos os membros da rede, pois a retirada dessa poupança não deve constituir impasse para a participação. Também, é nesse encontro onde são escolhidos os membros que irão fazer parte da comissão, como: o presidente, vice-presidente e o tesoureiro, que tem a função de receber o dinheiro antes da data da realização da cerimónia *xitique* ou no próprio dia do decurso de *xitique*. Cabe a eles confirmar os que contribuíram e de guardar o dinheiro destinado ao fundo solidário, antes de se depositar no banco. O presidente e vice-presidente tem as funções de indicar a sequência da rotação e alertar os restantes membros sobre as datas da contribuição e das cerimónias. O tesoureiro tem as seguintes responsabilidades: registo de todos os contribuintes, informar os restantes membros sobre o valor existente no banco e depósitos efectuados.

Apesar de existir presidente, vice-presidente e tesoureiro, as decisões a serem tomadas como por exemplo quem vai ser o próximo a acolher o *xitique*, o que fazer com o dinheiro destinado ao fundo, caso não tenha ocorrido infelicidade ou doenças para se usar o dinheiro, se este dinheiro pode ser dado em empréstimo, essas e outras decisões são tomadas por todos os membros da rede.

O valor de contribuição no *xitique* familiar, contém três repartições: a primeira diz respeito ao valor destinado ao consumo ou seja serve para cobrir as despesas alimentares, podendo este valor ser solicitado o seu adiantamento ou não dependendo da capacidade de quem irá realizar as cerimónias de *xitique*. A segunda repartição destina-se ao fundo solidário, dinheiro esse guardado no banco para uso de casos de extrema necessidade como doença e morte, enquanto que a terceira repartição destina-se a própria poupança do grupo.

No *xitique* da família Balói, para os que não tem capacidade de contribuir todo dinheiro acordado, neste caso: o dinheiro destinado à poupança, a alimentação e do fundo solidário, os

mesmos, contribuem apenas o valor de alimentação e do fundo solidário, porque o objectivo do grupo e de integrar a todos os membros da família.

O *xitique* familiar surge neste contexto de falta de visitas, interacções regulares entre familiares. Perante esta situação, os familiares decidem fundar o *xitique* familiar no qual todos os membros da família possam fazer parte, por isso que apela-se a participação de todos, mesmos os que não contribuem o valor acordado ou seja o valor destinado à poupança. O objectivo dos membros do *xitique* ao acordarem essa iniciativa de promoção de encontros regulares é de abranger maior número dos familiares. Para que não haja exclusão, os membros com impossibilidade de contribuir com o valor da poupança, estes apenas contribuem o valor destinado aos gastos alimentares e do fundo solidário.

O *xitique* familiar é descrito pelos nossos entrevistados como acto de consolidação dos laços entre os membros da rede. O exemplo disso é dado por um dos nossos entrevistados:

“O *xitique* familiar não obriga a pessoa a fazer sacrifícios maiores, porque o valor que se contribui não aperta as pessoas. Por essa razão que numa família se existir outros membros para além dos pais, podem também fazer parte. O *xitique* familiar é bonito porque nos visitamos, o que na outrora era quase impossível de nos reunir em conjunto. Durante a realização do *xitique*, dançamos, cantamos, brincamos porque é festa para nós, dançamos no próprio local que está a decorrer o *xitique*, até a nossa chegada nas nossas” (Família Muchanga)¹².

É neste sentido que o *xitique* familiar, não só serve de aquisição de bens ou das despesas fúnebres, mas sim de promoção de encontros regulares entre os diversos membros da família.

Os membros do *xitique* familiar estão ligados por uma obrigação recíproca de manter a sua rede unida, não só pela contribuição do valor da poupança, mas também pela partilha de experiência, de ajuda mútua de vária ordem dentre elas, destacam-se: empréstimo de dinheiro, a busca de conselhos, de resolução de problemas conjugais e problemas familiares.

Radomsky e Schneider lembra-nos que a circulação de ideias, bens, poder e informação é estruturada pelas relações que mantêm os indivíduos, as organizações e as entidades. Nesta perspectiva, a troca de bens e ideias estaria contribuindo para o entendimento da importância das

¹² Entrevista do dia 03.09. 2011.

posições e das relações sociais para as escolhas dos indivíduos, bem como suas alianças e sua capacidade de acessar bens ou pessoas (2007:255).

Webster, mostra que a reciprocidade deste tipo reside no facto de os indivíduos trocarem efectivamente entre si bens e serviços a um nível que ultrapassa a transacção comercial e uma afirmação simbólica de igualdade e de que existe alguma confiança. Mostra ainda que este tipo de relação, os custos não são contabilizados nem há qualquer urgência na retribuição pode passar semanas, meses ou anos, a compensação pode ser monetária ou em oferta de um bem completamente diferente do inicialmente oferecido (2009;245).

Sustentando o argumento de Webster (2009) diríamos que a rede de entreaajuda vigente no seio do grupo de *xitique* familiar estende-se para além do intercâmbio inter-pessoal para intercâmbio familiar envolvendo troca de bens e serviços. As relações não só se restringem aos contribuintes, elas também abrangem os restantes membros da família tal como: filhos, primos, sobrinhos e noras. Esta rede de *xitique* ganha a sua pertinência pela formalização de alguns laços o que introduz deveres e expectativas recíprocas entre os membros. Os bens que fazem parte dessas transacções familiares são de dois tipos. A primeira, diz respeito a ajuda em forma de serviços como ajuda na cozinha, na construção, na machamba e transporte. A segunda diz respeito à ajuda material, como apoio em dinheiro, comida, roupa, empréstimo de loiça, material de construção e material escolar.

No que se refere a ajuda em serviços, destacam-se as ajudas feitas pelas mulheres. Elas são responsáveis pela organização do *xitique*. As mulheres mais velhas desempenham as funções de conselheiras para as mais novas. Elas ensinam o modo de estar perante homens, orientam as cerimónias do *xitique* e durante o decurso das cerimónias elas é que fazem aláritos ou seja grito de animação. As mulheres mais novas, dentre elas noras e filhas, são as que fazem compras, cozinham, arrumam as mesas, servem bebidas e comidas aos homens.

As mulheres tem a responsabilidade de serem as primeiras a chegarem ao local onde irá decorrer a cerimónia de *xitique* para ajudarem nas compras, na organização da cerimónia, na preparação das refeições, havendo casos em que algumas dessas mulheres, trazem produtos alimentares como feijão, óleo, frangos, peixe, couve, cacana, matapa, mandioca para ajudar no cadastro alimentar. Entre elas verifica-se também empréstimos de capulanas, lenços, chinelos, blusas e

produtos de beleza como gel, cremes, perfumes e cabelos¹³. Alguns destes bens são trazidos de casa, outros são comprados exclusivamente para oferecer nesse dia da cerimónia.

As cerimónias do *xitique* são acompanhadas de almoço, lanche, orações, ofertas, cânticos e músicas, sendo da responsabilidade de todos contribuir para que o encontro torne-se numa verdadeira festa, conforme documenta um dos nossos entrevistados:

“Quando vamos ao *xitique* os nossos primos nos dão boleias tanto na ida assim como na volta. No nosso *xitique* para além do dinheiro do fundo solidário, de alimentação e da poupança, acordou-se a entrega de *mukume*¹⁴ que cobrimos a pessoa que está receber o *xitique* e outras prendas como dinheiro, loiça, camisas, mas que essas últimas prendas, não fazem parte do acordo” (Família Mutemba)¹⁵.

Durante as cerimónias do *xitique*, verifica-se também apoio na compra de carvão, bebidas como vinho e cerveja, ajudas na arrumação das mesas, empréstimos de panelas e loiça. As mulheres para além de serem as responsáveis pela organização das mesas, também têm a obrigação de deixar a loiça usada durante a cerimónia limpa e organizada.

Costa, evidenciou que as relações de reciprocidade estabelecida entre os grupos de parentes implicam trocas, contribuições e retribuições de diversa ordem, envolvendo simultaneamente bens, símbolos, pessoas e afectos. Por isso que a partilha (aos mais diversos níveis), a entreajuda e as trocas existentes entre os membros do grupo podem ser de diferentes tipos e natureza e não são necessariamente equivalente entre si. A noção de troca envolve relações de diversa natureza com sentidos contraditórios tais como: liberdade e obrigatoriedade, espontaneidade e normas, fidelidade e jogo de interesse (2007:77).

A relação de reciprocidade vigente no seio do grupo de *xitique* familiar, não é igual ou directa pois, o presente dado não é o mesmo que se retribui. Se a família Budula por exemplo, decide presentear à família que irá receber a poupança com uma prenda em pratos, o retributo pode ser em dinheiro, cadeiras, quadros, produtos alimentares, vestuário entre outros e não necessariamente o bem oferecido, Portanto não se trata de trocas equitativas cabe a cada família

¹³ Designação dada ao cabelo artificial.

¹⁴ Conjunto de 3 ou 4 capulanas que serve de cobertor.

¹⁵ Entrevista do dia 02. 08. 2011.

decidir o que irá ofertar a outra. Existe também hospitalidade para com os membros que vivem distante que por razões da distância ou das cerimónias terminarem tarde são acolhidos.

Os membros do *xitique* familiar são regidos por uma obrigação moral de dar, receber e retribuir o que confirma que as relações não se reduzem unicamente a jogos de interesse, nem pelos laços de consanguinidade.

A interdependência e a coesão no seio do grupo de *xitique* familiar pode ser explicada pela ajuda pontual e partilha conjunta de problemas quer elas sejam de carácter económico ou social. O exemplo disso é dado por um dos nossos entrevistados:

“ (...) Graças ao *xitique* que conseguimos sobreviver durante a fase em que o meu marido não trabalhava. Com ajuda do valor do fundo, foi possível abrir um negócio de venda de carne de vaca e de porco para poder sustentar a minha família” (Família Budula)¹⁶.

Desde modo pode se olhar para o *xitique* como fazendo parte do princípio de reciprocidade regida por uma obrigação moral de dar, receber e retribuir. É por isso que encontramos uma entreajuda permanente e pontual tanto em situações de crise assim como em situações de alegria.

Nas cerimónias de *xitique* familiar encontramos situações de envolvimento prendas e ajudas diversas tais como: dar ou empréstimos de dinheiro, pagamento de contas ou despesas, apoio material como roupa, produtos alimentares, apoio em serviços domésticos como cozinhar, ajudas no transporte, apoio moral quando há desabafos de problemas. Este apoio não só se verifica na cerimónia do *xitique*, estende-se até nas festas familiares, casamentos, baptismos e nos velórios. Neste sentido, o familiar é assumido pela participação conjunta de diversas situações da vida quer estas sejam tristes ou alegres. Como lembra Pires (2011), a retribuição da dádiva, não é somente devolver o presente ao primeiro doador, mas como um acto que leva o outro a fazer o seu dom.

Casal (2005) afirma que a dádiva implica liberdade e a liberdade implica a incerteza e indeterminação, característica das relações humanas e isso manifesta-se em todas as sociedades. Sobre este propósito defendido por Casal (2005), é vigente no seio do grupo de *xitique* familiar

¹⁶ Entrevista do dia 19.10.2011.

pois, as trocas existente entre eles não são equivalentes, o doador não sabe o que terá em troca do seu gesto e isso implica sujeitar aos custos e riscos. A principal preocupação do doador ao presentear o outro não é o retorno relativo ao seu gesto, mas que esse retorno se for a acontecer que seja livre, logo incerto e inseguro. É na base deste tipo de trocas livres e de incerta verificadas durante as cerimónias do *xitique* familiar, que se reproduz e se consolida a coesão do grupo.

4.2. *Xitique* como reforço dos laços de vizinhança

Caillé (2002) dá a entender que as redes sociais, são formadas através das conexões existentes entre os membros, cujas ligações podem ser por estruturas informais das relações de reciprocidade (como parentesco, compadrio, a vizinhança e a amizade) ou por estruturas formais, como a igreja, os partidos políticos, o movimento sindical, a associação, a cooperativa, entre outros.

Contudo, paralelamente ao que se refere a prática do *xitique* familiar pode se afirmar que a mesma produz novas formas de relacionamento, convivência e de ajuda mútua. Por isso que o *xitique* familiar é um meio de reforço dos laços de amizade, de familiaridade através da solidariedade mútua que resulta dessa iniciativa. A fraternidade e a irmandade é vista pelos membros da rede como incondicional. Os membros dessa rede de entreaajuda, mesmo fazendo parte de outro *xitique*, (de amigos, colegas de trabalho, membros da igreja) que visam fundamentalmente fazer poupança e aquisição de bens, participam no *xitique* familiar o que demonstra que essa iniciativa já não assume somente a componente económica, mas sim social onde o que vale mais é fraternidade

Apesar do *xitique* familiar ser feito pelos membros da família, ela engloba vizinhos mais achegados pois são estes que resolvem problemas pontuais quando ocorrem, como ajuda ou empréstimo de produtos alimentar, defesa e protecção da casa contra ladrões, empréstimos de dinheiro entre outros favores. Sobre este respeito um dos nossos entrevistados referiu o seguinte:

“Quando entrei neste *xitique* de princípio sentia-me estranha pois não conhecia a maioria dos integrantes da família, mas com o andar do tempo fui me sentindo como se eu fizesse parte da família. Agora Sinto que

deixei de ser apenas vizinho da família Balói, sinto me como família porque durante o *xitique* todos somos tratados da mesma forma” (Família Zucula)¹⁷.

A integração de vizinhos nessa rede pode ser explicada por duas razões principais. A primeira é de partilha de diversas situações da vida, de afeição recíproca e de responsabilidade mútua. A segunda diz respeito a flexibilidade do sistema de parentesco de não ser suficiente para responder a todas as contingências. Por isso que são tão importante as instituições menos formais como de amizade e de vizinhança.

Pelo carácter festivo do *xitique*¹⁸ familiar, envolvimento de comes, bebes e dança verifica-se durante as cerimónias do *xitique*, o reforço de compra de refrescos, mas sobretudo bebidas alcoólicas pelos membros da rede o que mostra que a dimensão do convívio tem mais prioridade. Os membros dessa rede de *xitique* familiar, através dessas iniciativas mantêm entre si contactos e laços afectivos decorrentes das interacções periódicas. As famílias criam rede de apoio económico e social mas, particularmente uma entreajuda de carácter permanente e pontual em momentos de aflição e de alegria. A rede de entreajuda vigente no seio do grupo de *xitique* familiar, existe uma interacção entre os laços de parentesco, de vizinhança, de conterrâneidade, de amizade que trocam entre si bens e serviços numa base não mercantil obedecendo a regra de reciprocidade, de dar receber e retribuir. O *xitique* familiar reforça a solidariedade entre familiares, amigos, conterrâneo e vizinhos e evita acasalamento entre os membros da família porque, passa-se a saber quem é o parente próximo.

4.3. *Xitique* familiar como reforço de laços de parentesco (padrinhos e xarás)

Frisamos no tópico anterior que as famílias antes de fundarem uma iniciativa que pudesse promover encontros regulares entre os membros, os encontros só ocorriam casualmente com ocorrência de infelicidades, festas como baptismo, aniversários sobretudo nos casamentos e lobolo. Com a organização do *xitique* familiar, os membros passaram a ter mais contactos, o que contribuiu de certa forma para o reforço dos laços das famílias. A periodicidade desses encontros (uma vez por mês) faz dos membros da rede terem uma interacção constante possibilitando assim

¹⁷ Entrevista do dia 09.07.2011.

¹⁸ Aqui, o conceito de *xitique* tem a dimensão do evento e convívio.

a criação de novas formas de relacionamento, como apadrinhamento das crianças no baptismo e surgimento de xarás. A escolha de padrinhos e xaras pode se vista como estratégias que os membros da rede adoptam pois a medida que alguém é escolhido como padrinho ou xara, acredita-se este passam ter certas responsabilidades de assistência a criança como educação, compra de material escolar, uniforme e roupa. É neste sentido que o xará e o padrinho assumem o estatuto do segundo pai que tem a obrigação de acompanhar o crescimento do seu afilhado ou xara apoiando-o e aconselhando-o em diversas etapas do seu crescimento.

Como evidenciou Webster, que a instituição xará dá origem a um conjunto de relações sociais que em alguns aspectos assemelham-se aos laços de parentesco e é complementada por estas instituições xará que cria laços que tem a permanência e as bases morais exógamias responsáveis pela dispersão das alianças e constitui a forma de estabelecimento de novas alianças (2009: 212-213). Este facto de *xitique* integrar outros membros como amigos, afilhados e de unirem-se não só pela preocupação de fazer poupança é revelado por vários dos nossos entrevistados:

“O nosso *xitique* é feito pelos membros da família, embora participam um dos meus afilhados do baptismo. O *xitique* familiar é importante porque evita o acasalamento entre irmãos pois passamos a nos conhecer por meio dessas visitas regulares.(...) O importante nesses encontros não é comida e dinheiro mas sim o convívio familiar” (Família Balói)¹⁹.

Posição similar é apresentada por outro entrevistado:

“Na minha família não existia *xitique* familiar, só acompanhávamos nos vizinhos quando são visitados pelos seus familiares (...) o *xitique* ajuda muito mesmo veja que eu não conhecia todos os meus primos, sobrinhos, mas agora conheço-os todos até casa deles. Quando é a minha vez de receber o *xitique* sinto realmente que tenho família de verdade” (Família Budula)²⁰.

Os apadrinhamentos nos baptismos e nos casamentos é importante para aproximação de famílias o mesmo acontece com o *xitique* familiar faz dos membros ter uma obrigação moral de participar, mesmo sem tempo²¹, dinheiro exigido em cada encontro do *xitique*.

¹⁹ Entrevista do dia 05.07.2011.

²⁰ Entrevista do dia 23.08.2011.

²¹ Os que não tem tempo, por diversas ocupações, estes encarregam outros membros da família para os representar

O *xitique* familiar para os membros da rede, significa convívio, festa porque promove encontros entre os familiares mas também é visto como uma forma de materializar alguns projecto sem ter que recorrer a empréstimo bancário. Para que o propósito comum não seja desvinculado é necessário que todos contribuam para que a rotação seja seguida segundo as datas indicadas.

Durante o decurso da cerimónia do *xitique*, a alegria é expressa e manifestada através das orações, cânticos de louvor a Deus, pedindo protecção e união. Pelos cânticos e orações, percebe-se a crença da maioria dos membros da rede. Dentre as religiões dos membros destacam-se: religião católica que é professada pela maioria dos membros da rede e em menor percentagem membros que professam outras religiões como as igrejas protestantes, a Assembleia de Deus, Presbitérian e Baptistas. Os cânticos entoados expressam sentimento de alegria, celebração e incentivo para quem contribui, conforme expressa um dos coros de um dos cânticos.

Cântico entoado em Xichangana	Tradução ²² em português
Ndzi ta va wa ku hanyeni kwanga Mina ni ndangu wanga; Kambe ndzi pfune, we hosi, Ndri xirelele ku nala.	Serei teu servo meu Deus em toda minha vida, Eu e a minha família; Protege-nos do mal.

Segundo Biza (2000), a religião tal como o parentesco e a vizinhança é um dos meios de sociabilidade que nos permite entender como são empreendidas estratégias para a reprodução dos grupos. Este cântico, expressa o desejo de protecção e bênção da família perante as maldades do mundo. Percebe-se o uso da religião nas cerimónias do *xitique* como uma forma de manter a família mais unida e com mais afeição. Os cânticos entoados no *xitique* acontecem no inicio das cerimónias e no fim das mesmas sendo intercaladas no meio delas pelas orações. As orações são indispensáveis no momento das refeições, pois, as mesmas tem função de pedido de força e fortificação para quem fez sacrifício de contribuir.

²² Tradução do autor.

Capítulo V

5. Considerações finais

O presente estudo analisou as motivações das famílias em accionar as redes de entreadjudas e os relacionamentos existente nos membros do *xitique* familiar.

O estudo concluiu que a distância, falta de visitas regulares e interacções regulares, faz as famílias fundarem as redes de entreadjudas. Com o *xitique* familiar, os membros passam a cooperar em serviços, opiniões e bens. É no meio dessa interacção que se verifica a integração de vizinhos e escolha de padrinhos e xaras. O *xitique* familiar é um meio para a recomposição das famílias pois reforça a solidariedade e os laços entre famílias, vizinhos mais achegados e amigos. Os encontros periódicos resultantes da prática do *xitique* familiar fomentam também o intercâmbio e a partilha de problemas ligados a falta de emprego, terreno ou abrigo.

O valor da poupança é fundamental para superação dos problemas relacionado com falta de emprego, terreno, dificuldades de construir, pois a partir desta poupança pode-se criar auto-emprego. É imperioso que a contribuição dessa poupança seja seguida por todos de modo a se cumprir com o principal propósito que é de ajuda em diferentes situações.

O estudo revela ainda que a prática do *xitique* familiar visa dois propósitos, primeiro a aquisição de bens como terreno, mobília, pagamento de renda, construção e a segunda visa reforçar a fraternidade, afecto entre os membros de modo a não esquecer da sua origem e identidade.

Os membros do grupo de *xitique* familiar estão ligados por uma obrigação recíproca de manter a sua rede unida quer pela contribuição do valor da poupança, pela partilha de experiência de vida, empréstimo de dinheiro, conselhos, circulação de bens e do bom comportamento que se exige durante o decurso das cerimónias. O dinheiro da poupança apesar de servir para aquisição de bens, o mesmo serve para responder possíveis emergências como doença, morte este valor pode ser solicitado sem seguir a rotação prevista.

No *xitique* familiar existem três contribuições, a primeira destina-se a própria poupança, a segunda destina-se ao fundo solidário e a terceira a alimentação. Portanto para que haja inclusão dos membros com impossibilidade de contribuir todo o valor acordado, estes contribuem o valor

destinado ao fundo solidário e a alimentação. Com esta contribuição estes membros integram-se nessa rede e passam ter visitas e beneficiam-se de outras ajudas como prendas e empréstimo de dinheiro.

Pelo carácter festivo do *xitique* familiar, mesmo com as três repartições do valor, existe ajuda e reforço de compras na alimentação e bebidas.

O desequilíbrio das trocas de benefícios verificados durante as cerimónias do *xitique* familiar revela que as relações não se reduzem unicamente a jogos de interesse, nem pelos laços consanguíneos, mas sim pela ajuda pontual e permanente envolvendo vizinhos, amigos e parentes. É na base deste tipo de trocas livres e de incerta verificadas durante as cerimónias do *xitique* familiar, que se reproduz e se consolida a coesão do grupo.

Verificamos também que a dimensão religiosa desempenha um papel fundamental para a coesão dentro do grupo de *xitique*, onde os cânticos e orações são utilizados como recurso de agradecimento à Deus pela protecção, união da família e servem de incentivo para o contribuinte.

6. Referência Bibliográficas

Abudo, José Ibraimo. 2010. *Direito da Família: Introdução e direito matrimonial*. (2ª edição). Maputo: Universidade Mussá Bin Bique. Vol I.

Acioli, Sónia. 2007. “Redes sociais e teorias sociais: Revendo os fundamentos do conceito”. In Londrina. Vol. 12. NGP

Araújo, Manuel G.H. 1988. *O sistema de aldeias comunais em Moçambique. Transformações no espaço residencial e produtivo*. Dissertação de doutoramento em Geografia Humana. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa

Biza. Adriano Mateus. 2000. *As características sociais das mulheres chefes do agregado familiar e suas estratégias de sobrevivência em contexto peri-urbano Caso do bairro Luís Cabral*. Tese de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Bowen, Nina. 2000. *Traders and Livelihood Startegies in Post-Conflict Zambezia Province, Mozambique*. Tese de Doutoramento. London School of Economics and Political Science.

Burgess, Robert. 2006. *Pesquisa no terreno: Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora

Caillé, Alain. 2002. *Antropologia do Dom*. (2ª edição). Editora Vozes: 64-76.

Casal, Adolfo Yanez. 2005. *Entre a Dádiva e a Mercadoria: Ensaio de Antropologia Económica*. Lisboa: Edições do Autor.

Costa, Ana Bérnard. 2007. *O preço da Sombra: Sobrevivência e reprodução social entre famílias de Maputo*. Lisboa: Livros Horizontes

Cruz e Silva, Teresa 2005. “A organização dos trabalhadores do sector informal dos mercados de Maputo e sua acção na promoção de melhores condições de vida e de trabalho. O papel da Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal ASSOTSI”. Genebra: Bureau Internacional.

Dava, Gabriel *et al.* 1998. “Mecanismos de ajuda mútua e redes sociais de protecção social: Estudo de caso das províncias de Gaza, Nampula e cidade de Maputo.” *In pobreza e bem-estar*

em Moçambique. Ministério do Plano e Finanças. Universidade Eduardo Mondlane. Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares

Firmino, Gregório. (s/d) “A situação de português no contexto multilingue de Moçambique”. UEM, Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Maputo

Godelier, Maurice. 2000. *O legado de Mauss: O enigma da dádiva*. Edições 70. Lisboa

Iturra, Raul 1988. ”Racionalidade tradicional, racionalidade individual -reciprocidade e optimização nas estratégias produtivas duma paróquia rural galega’. Santiago da Compostela: Museu de Pobo Galego: 64-79.

Loforte, Ana. 1996. “Género e poder entre os Tsongas de Moçambique; Tese de doutoramento, Lisboa, Instituto de Superior das Ciências do Trabalho e Empresas (ISCTE)

Maia, Rui Leandro. 2002. Migrações e redes de relações sociais em meio urbano: um exemplo a partir do Porto.” In *Revista de Demografia Histórica*, XX, I, Lisboa, p. 53-80.

Martins, Paulo Henrique. 2005. “A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva e simbolismo associado.” In *Revista critica de ciências sócias*. Vol 73: 45-66

Mauss, Marcel. 2008. *Ensaio sobre a dádiva*. Edições 70. Lisboa

Mitchell, J. Clyde. 1969. “The concept and use of social networks” In *Social networks in urban situation*. Manchester University Press Pp 1-29

Nhatsave, Noémia André. 2011. *Mecanismos Informais de protecção social em Moçambique: O caso de Xitique*. Tese de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo

Oliven, Ruben George. 1987. *Antropologia de grupos urbanos*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: editora Vozes.

Pires, Welkson. 2011. “A corrente do bem: Pensando a dádiva e o elo social”. *Revistas de estudos Antiliterista e perscoloniais*. Vol 1: 2179-7501

Radomsky, Guilherme, F. W. 2006. “As redes sociais da economia local: um estudo de caso na Serra Gaúcha.” Porto Alegre: Universidade Federal Rio Grande do Sul. Pp 75-107

Radomsky, Guilherme e Schneider, Sérgio. 2007. “Nas teias da economia: O papel das redes sociais e de reciprocidade nos processos locais de desenvolvimento”. Brasília: Sociedade e Estado. Vol 22. nº 2. 249-284

Schenker, Miriam, *et al.* 2011. *Violência família e sociedade*. In Impacto da violência Moçambique- Brasil. Rio de Janeiro; ENSP e UEM

Schlithler, Celta Regina Beizia. 2004. *Redes de desenvolvimento comunitário iniciativas para a transformação social*. São Paulo: Global editora

Silva, Maria Josefina, *et al.* 2010. “Família e redes sociais de apoio para o atendimento de as demandas de saúde de idoso.” In *Pesquisas Reserch Investigacion*. São Paulo: Editora Global

Sousa, Florival Raimundo. 2009. “Redes sociais e entreajuda: Uma análise sobre a economia Luandense”. In *revista Angustus I*, Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Motta. Vol 14. Pp 11-20

Trindade, Catarina Casimiro. 2011. *Convívio e Solidariedade. Prática de xitique em Moçambique. II Congresso Luso Afro-Brasileiro de ciências sociais*. Universidade Federal na Bahia, Campus de Ondora

Vasconcelos, Pedro. 2002. “Redes de apoio familiar e desigualdade social estratégias de classe”. in *Análise social*. Vol. XXXVII (163). Lisboa: Universidade de Lisboa. 507-544.

Webster, J. David. 2009. *A sociedade Chope: Individuo e aliança no Sul de Moçambique 1969-1976*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais